

## 45º Encontro Anual da ANPOCS

GT10 - Desafios contemporâneos da memória social: objetos, coleções e heranças

Eclipse de memórias e extrema-direita: as intervenções no bairro Lipótváros em  
Budapeste, Hungria

M.A. Graziela Ares  
CES – Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

### RESUMO

O governo do primeiro-ministro Viktor Orbán acirrou a batalha de narrativas e tem investido massivamente recursos e esforços de restauro do entorno do Parlamento Húngaro. Chamada de Lipótváros, a área tem valor histórico, sentimental, turístico e cultural para o país. Importantes acontecimentos da história recente do país aconteceram nessa vizinhança densamente ocupada por monumentos que rememoram suas vítimas, heróis e os próprios eventos. A reforma que substituiu alguns e incluiu outros novos memoriais não foi poupada de acusações de tentar recontar a história. Porém, o governo alega estar apenas devolvendo ao povo húngaro a história que lhes foi roubada pelos comunistas. Este trabalho pretende investigar que história é essa que precisa ser devolvida, quais narrativas estão sendo silenciadas e como tal estratégia restabelece uma memória coletiva e social que ajuda a legitimar um governo de extrema-direita através dos espaços públicos.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Espaços públicos 2. Memória coletiva 3. História 4. Hungria 5. Extrema-direita

## ECLIPSE DE MEMÓRIAS E EXTREMA-DIREITA: AS INTERVENÇÕES NO BAIRRO LIPÓTVÁROS EM BUDAPESTE, HUNGRIA

Pelo seu papel material e subjetivo que afeta a cidade, seus habitantes e seus visitantes, os monumentos, os edifícios e os espaços públicos são espaços de disputa e uso para fins políticos em uma empreitada que não é prerrogativa de certos grupos, ideologias, país ou povo específico pois, de forma mais ou menos explícita ou intencional, o controle sobre a memória pode beneficiar quem está no poder. Assim fizeram os monarquistas, os republicanos, os comunistas, os liberais e, mais recentemente a extrema-direita. O investimento sistemático para reenquadrar a memória social e coletiva e legitimar perspectivas que favoreçam politicamente certos grupos não é uma estratégia nova, mas a radicalização da direita no século XXI tem sido um dos desafios contemporâneos da memória.

Ao proteger os cidadãos das memórias de um passado, o Estado os relembra continuamente das ameaças autoritárias e alimentam seus medos e angústias para legitimar os seus atos no presente. Ao alterar a paisagem urbana e seus dispositivos, o Estado interfere nos subjetivismos daquele coletivo social para atender seus propósitos políticos. Assim, a revitalização de espaços urbanos e da restauração do patrimônio nem sempre são atos inocentes.

Na Hungria, o governo do primeiro-ministro Viktor Orbán, no poder desde 2010 e autodeclarado democrata-iliberal (BÍRÓ-NAGY, 2017, p. 31), tem justificado o uso político da memória pela reparação histórica, social e moral do povo húngaro. O porta-voz do governo Zsoltán Kovács negou que o governo estivesse reescrevendo a história através da reconfiguração de áreas urbanas, como a que vem acontecendo em Lipótváros, região que circunda o parlamento húngaro em Budapeste. Porém, ele defende o governo dizendo que estão apenas colocando a história ou a perspectiva histórica onde deveria estar<sup>1</sup>. Mas que história é essa e por que é importante para o atual governo expô-la através dos espaços públicos?

---

<sup>1</sup> <https://www.theglobeandmail.com/news/world/statue-in-budapest-based-on-second-world-war-evokes-dark-history/article22099406/> em 10/06/2021.

Um curto ensaio como este não daria conta de responder uma questão tão complexa, mas é possível analisarmos as mudanças naquela região e as narrativas privilegiadas (ou silenciadas) para tentarmos identificar quais seriam as memórias, história e heróis escolhidos em detrimento de outros desde 2010. Poderemos também buscar explicar, dentro do espectro político, como tais estratégias favoreceriam a extrema direita ou o pós-fascismo, como prefere chamá-lo Traverso (2019, p. 04), na Hungria.

Para cumprir os objetivos deste trabalho de analisar como o governo de Orbán vem utilizando-se dos espaços públicos para cumprir sua estratégia de devolver a história ao povo húngaro, as seguintes etapas metodológicas foram cumpridas a partir da revisão bibliográfica de autores relevantes para a teoria da memória, silêncios e história: i. definição da área e mapeamento de lugares de interesse para a pesquisa, ii. catalogação, detalhamento e documentação desses lugares com fotos, sempre que disponível, iii. análise desses lugares de acordo com perspectivas desenhadas a partir da revisão da literatura, iv. aprofundamento das análises de monumentos selecionados no intuito de relacionar as decisões de transformação urbana com as estratégias políticas do governo, observando escolhas feitas, a narrativa oficial e a reação pública. Foram utilizados dados e informações obtidas nos canais oficiais e dos membros do governo, incluindo suas mídias sociais, agências de notícias independentes e em outras fontes apontadas por mecanismos de busca *online*.

Espero demonstrar que Lipótváros sempre foi um campo de batalha da memória e da história, mas na última década o governo de extrema direita na Hungria dedicou massivos recursos para apagar o período comunista, isentar os governos húngaros da responsabilidade sobre o Holocausto, restabelecer convenientes narrativas sobre heróis nacionais selecionados e se colocar como vítima. Porém, os valores e esforços envolvidos, o impacto no cenário urbano e a resistência de atores sociais nos mostram que tal estratégia não tem passado despercebida ou imune às críticas locais e internacionais.

Como uma brasileira que viveu em Lipótváros entre 2009 e 2013, sou testemunha da transformação analisada. Longe de ser uma especialista em artes, urbanismo, história ou estudos da memória, a minha relação com tais monumentos e espaços da cidade esteve sempre entre a experiência de uma turista, deslumbrada com a estética e com o descobrimento de uma história longa e emocionante, e a de um habitante qualquer, que passava tantas vezes por esses locais a ponto de ignorá-los ou desenvolver cumplicidade, sentimentos (bons ou ruins, admiração, descrença, interesse entre outros) e empatia a cada

vez que me lembrava o que eles representavam. Espero que as ferramentas teóricas me ajudem a analisar criticamente outras perspectivas do meu objeto de estudo dentro do distanciamento possível.

## 1. Lipótváros e os lugares de interesse de pesquisa

A história do povo húngaro é recheada de invasões, dominações, grandes heróis e mártires desde que seus ancestrais ocuparam a planície dos Cárpatos. Vestígios das assimilações resultantes desses eventos estão presentes nas suas cidades, sobretudo na capital. Mas as marcas deixadas pelos eventos históricos e políticos nem sempre foram belas ou positivas. Há também recordações de eventos violentos, perseguições e repressão aos opositores dos que estavam no poder e à grupos específicos, como na Revolução Húngara (1848-1849), na Primeira Guerra Mundial, na ocupação nazista, na Segunda Guerra Mundial, na liberação e na ocupação pelos Soviéticos ou na Revolução de 1956, para citar alguns. Em junho de 1920, o Tratado do Trianon foi uma outra derrota que reduziu o que era conhecido como a “Grande Hungria” à 1/3 do seu território e 2/5 da sua população, enquanto que os húngaros separados pelas novas fronteiras nacionais tornaram-se minorias nos países vizinhos (MOLNÁR, 2001, p. 250).

Por sua relevância material e subjetiva e pela vultuosidade e rapidez das transformações realizadas nos últimos anos, Lipótváros foi o local escolhido para a minha pesquisa. De forma arbitrária, reduzi o escopo à uma área específica naquela vizinhança que é delimitada pelo rio Danúbio (oeste), a Rua Hóld (leste), a Rua Szalay (norte) e a Rua Széchenyi (sul), conforme apresentado na Figura 1 e 2.

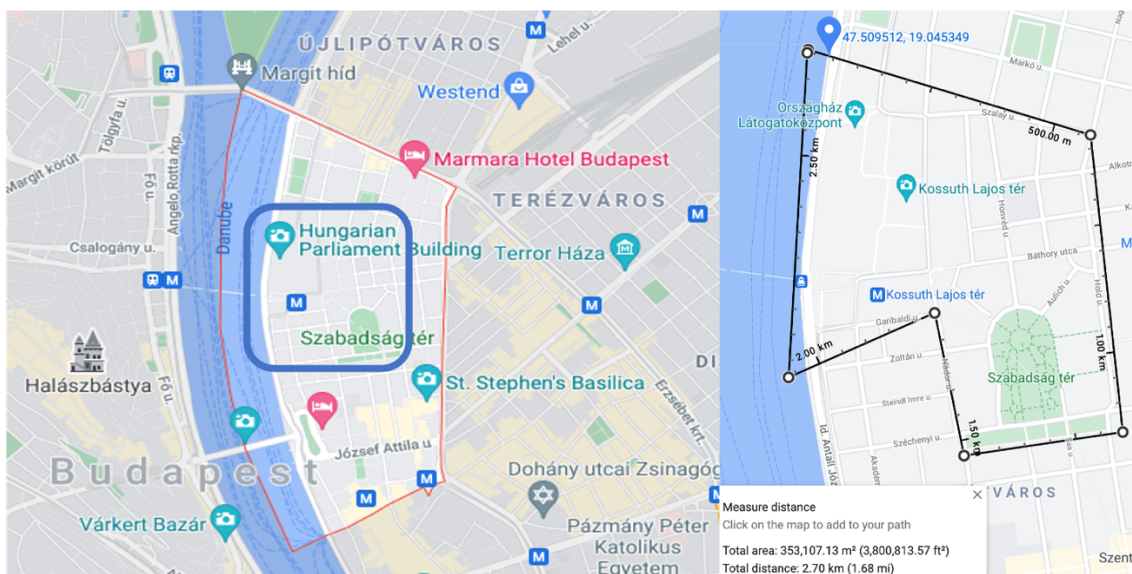


Figura 1 - Localização espacial e perímetro da amostra

Fonte:

esquerda:

<https://www.google.com/maps/place/Budapest,+Lip%C3%B3tv%C3%A1ros,+Hungary/@47.5030747,19.0331249,14.56z/data=!4m5!3m4!1s0x4741dc13f62a82b9:0x1aef2a3f76b5e839!8m2!3d47.5019132!4d19.0496511>, e direita: <https://www.google.com/maps/@47.5052093,19.0458453,15.75z>, em 10/06/2021.

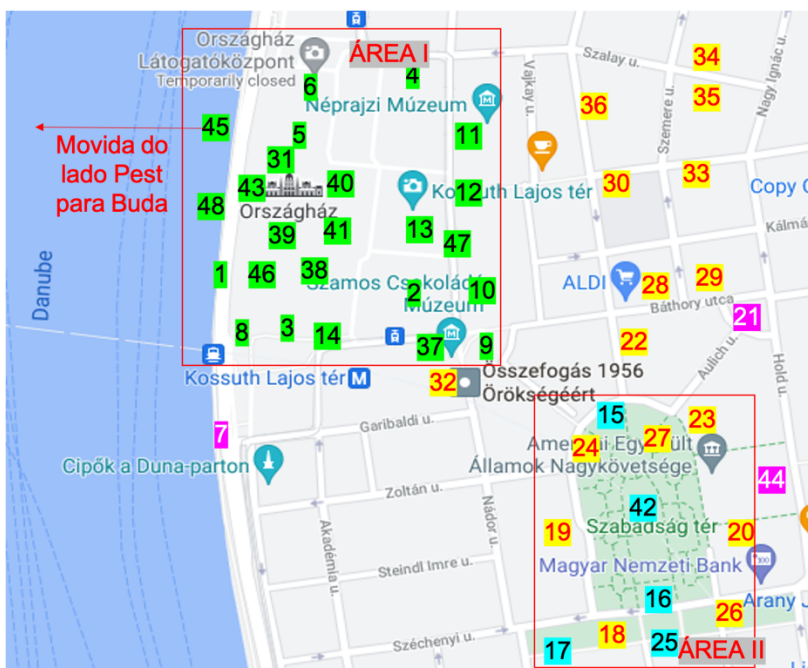


Figura 2 – Delimitação espacial e referência numérica dos locais de interesse de pesquisa

Fonte: elaborado a partir do mapa de Budapeste no Google Maps em 10/06/2021.

Nos 353mil m<sup>2</sup> ilustrados na Figura 1, identifiquei pelo menos 48 lugares de possível interesse histórico e de memória referenciados com números na Figura 2. Os retângulos vermelhos delimitam as áreas que priorizei neste ensaio: os itens verdes na

Praça Kossuth (área I) e os azuis na Praça da Liberdade (área II). As áreas externas aos retângulos (itens em amarelo e fúcsia) são também relevantes e fizeram parte da minha pesquisa, mas não serão analisados por este ensaio.

O leitor familiarizado com a cronologia dos eventos históricos e a sucessão política no país, sobretudo entre 1848 e 2021, e que tenha visitado a região em Budapeste talvez tenha uma compreensão favorecida do objeto deste ensaio. Porém, em respeito aos limites editoriais, direitos autorais e de imagem, não me aprofundarei com detalhes e registros fotográficos como gostaria, mas espero que referências providas sejam suficientes para atender os meus objetivos de pesquisa.

Os monumentos, arquitetura e espaços públicos selecionados, além de terem testemunhado muitos eventos passados, rememoram e homenageiam seus heróis, mártires, vítimas e personalidades húngaras. A temporalidade difusa dos seus elementos torna aquela área algo único que repercute na experiência dos seus espectadores (locais ou visitantes) e nas escolhas dos que tem controle sobre tais espaços. É possível fazer uma analogia entre meu objeto de estudo e um palimpsesto pois vemos simultaneamente coisas que foram incorporadas àquele espaço em diferentes momentos do tempo (SANTOS, 2000, p. 221). Ali, os simultâneos não são necessariamente contemporâneos (AGAMBEN, 2009, p. 71–73) e, para quem os observa atentamente, a cidade e seus monumentos contam o seu passado e suas próprias trajetórias conjuntas e individuais. São essas mensagens que nos interessam.

Os espaços de Lipótváros foram aqui considerados como um lugar antropológico (LIMA, 2013, p. 58) e não apenas geométrico ou geo-espacial. Além dos seus endereços, edifícios e monumentos, meu objeto de estudo é integrado com pessoas comuns, moradores, trabalhadores, mendigos, estabelecimentos comerciais, sons, cheiros e monumentos, que escancaram a vida e as relações sociais naquele tempo e espaço.

Tanto o palimpsesto quanto o lugar antropológico são formas de pensar o espaço urbano como uma experiência única que não pode ser reproduzida de forma perfeita. A temporalidade, a materialidade e as subjetividades tornam as paisagens urbanas e seus elementos vítimas e testemunhas das transformações que os circundam e, ao mesmo tempo, agentes de mudanças, para aqueles que ali coexistem.

O esforço para catalogar os lugares de interesse para essa pesquisa teve como objetivo provar a grande concentração de monumentos nessa área, a diversidade de “temas e estilos” ali representados e as transformações que eles têm sido submetidos sobretudo na

última década. Apenas analisando cada lugar individualmente e entendendo as sua trajetória de “vida”, desde a sua criação intencional ou não intencional (RIEGL, 2020) é que foi possível compreender porque Lipótváros é estratégico para a batalha da memória e o que tem acontecido ali na última década. Porém, a análise conjunta de alguns elementos foi também importante para identificar como as transformações estão coordenadas por um objetivo comum e apontar algumas críticas possíveis, como descreverei mais adiante.

A escolha dos 48 lugares de interesse apontados na Figura 2 não foi aleatória, randômica a partir de uma lista ou hierarquizada. Os critérios utilizados foram tão simples como segue:

- Como Lipótváros era a área de interesse deste estudo devido à sua importância histórica, política, turística e pelas grandes transformações pelas quais tem passado, foram selecionados as duas maiores e principais praças da região: Kossuth (#41 Figura 2) e Liberdade (#42 Figura 2).

- Pelo Google Mapas, foram buscados lugares nessas praças que atendessem às seguintes categorias: museus, monumentos, memoriais, edifícios ocupados por órgãos públicos, bibliotecas ou placas comemorativas. Os critérios de busca combinavam materialidade, conhecimento e subjetivismos dentro do que Giorgio Agamben chamou de *dispositivos*:

“é um conjunto heterogêneo, linguístico e não-linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos. (...) tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder. (...) resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber.”  
(AGAMBEN, 2009, p. 29)

- Foram pesquisados nas agências de notícias a partir de algumas palavras chaves quais monumentos ou locais foram sujeitos a restauro, revitalização, demolição, inauguração, cerimoniais e os que foram parte do Programa Imre Steindl desde 2010.

- Foram buscados registros fotográficos de monumentos históricos e artísticos na região, sobretudo no site <https://www.kozterkep.hu/budapesti-keruletek/megtekintes/5/v-kerulet>.

- Com base no website oficial da subprefeitura de Lipótváros e com a ajuda de guias turísticos, a busca foi estendida para o entorno das praças para acolher monumentos simbólicos como a Chama Eterna de Lajos Batthyány (#21 Figura 2), os Sapatos no Danúbio (#07 Figura I) e o Edifício do *Royal Postal Savings Bank* (# 44 Figura I).

A lista de possibilidades é mais extensa que a seleção, mas foi necessário limitar o número de itens para que o estudo não fosse inviabilizado pelo limite de tempo e recursos para tratamento dos dados.

## 2. Referencial teórico ilustrado

Para este trabalho, foram utilizados critérios multidisciplinares para selecionar os autores e teorias que serão apresentados de uma forma experimental. Tentei relacionar diferentes áreas do conhecimento e suas subdivisões e criar um fio condutor teórico que mantivesse o objeto de pesquisa como protagonista. A teoria foi a ferramenta para analisar os lugares selecionados como se eles fossem, em si mesmos e concomitantemente, vítimas e testemunhas da vida e da história da cidade, dignos de biografia própria, além das responsabilidades e expectativas que lhes são atribuídos na sua própria concepção e existência.

### 2.1. Valor intencional, histórico e de antiguidade dos monumentos de memória

Dentre as análises do culto moderno dos monumentos pelo historiador da arte austríaco Alois Riegl no século XIX, me centrarei em apenas três valores: antiguidade, histórico e de memória intencional.

Segundo o autor, histórico é aquilo “que existiu e que já não existe no presente”. O *valor histórico* de um monumento é dado pela sua capacidade de testemunhar esse tempo e esse evento que não podem ser recriados ou repetidos (RIEGL, 2020, p. 10), sendo quase que um registro para se entender o passado. Quanto mais protegido, integro, original e completo é esse registro, melhor sua capacidade de representação e memória e, por conseguinte, seu valor histórico (RIEGL, 2020, p. 34–39). Por essa razão, as obras de restauro, requalificação, revitalização ou reurbanização de monumentos e espaços públicos podem ser criticadas quando afetam o valor histórico dos monumentos, como aconteceu com o Programa Imre Steindl, patrocinado por Viktor Orbán, que falarei mais adiante.



O *valor artístico* também está presente nos monumentos, mas é hodierno, relativo e apreciado de forma diferente entre indivíduos e ao longo do tempo. Ele está relacionado mais à atualidade do que à memória (RIEGL, 2020, p. 11–14). Por essa razão, monumentos estritamente artísticos, embora inseridos nas transformações de Lipótváros, como é o caso da garagem subterrânea na praça Kossuth (#06 Figura 2) inaugurada em 2014, não serão analisados aqui pois não têm qualquer valor histórico ou de memória.

O *valor de memória intencional* (RIEGL, 2020, p. 14–15) se refere às intenções originais atribuídas aos monumentos históricos pelos seus criadores, autores ou patrocinadores, por exemplo, no momento da sua concepção. Mas os monumentos podem também adquirir ou ter atribuídos a eles outros significados e memórias de acordo com as subjetividades geradas a partir e ao longo da sua existência. Por mais que tente, o artista (ou autor) não consegue controlar como sua arte será interpretada ou utilizada pelo público e há sempre o risco de que ela não seja aceita, valorizada ou amplamente apreciada como originalmente desejado (BECKER, 2007, p. 18).

Como exemplo de monumento intencional, pode-se citar as inscrições e as bolas de ferro que preenchem, eternizam e rememoram as marcas de bala nas paredes do Edifício do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento (*bullet holes*, #10 Figura 2), onde aconteceu o extermínio de revolucionários em 25 de outubro de 1956 na praça Kossuth. Por outro lado, um exemplo de reação espontânea seria o contra-monumento “Living Memorial” (#25 Figura 2) de grupos que se sentiram ofendidos pelo monumento que o governo, em 2014, instalou para homenagear às Vítimas da Ocupação Alemã de 1944 (#16 Figura 2). O contra-monumento foi criado “justamente para rejeitar ou renegociar o monumento original, utilizando-se de uma estética não convencional, convidando seus visitantes a usarem seus sentidos para descobrir outros significados e criar suas próprias interpretações individuais do evento ou personalidade comemorado” (tradução livre de ERŐSS, 2016, p. 240).

O *valor de antiguidade* pode ser distinguido por qualquer indivíduo que perceba que algo pertença à um outro tempo ou memórias que não o presente, mesmo que não tenha necessariamente valor histórico (RIEGL, 2020, p. 16, 27–34). Nesse sentido, os transeuntes das ruas de Lipótváros, mesmo desconhecendo sua história, reconhecem que o elétrico da rota 2 (#47 Figura 2) ou o Museu de Etnografia (#11 Figura 2) são construções de outras épocas que resistiram ao tempo e ao desgaste natural. Quanto mais antigo parecer um artigo, maior o seu valor de antiguidade.

Os valores intencional, histórico e de antiguidade dos monumentos podem se transformar, (des)equilibrar e se confundir na linha do tempo graças às intervenções políticas dos grupos no poder. Por conseguinte, a transformação material dos monumentos afeta a memória coletiva que está continuamente se “construindo, desconstruindo e reconstruindo”, segundo Pollak (1989, p. 12), como abordarei mais adiante. Citarei dois exemplos que ilustram essa situação: os monumentos à Lajos Kossuth e ao Conde Gyula Andrassy na praça Kossuth.

O monumento em mármore (#04, Figura 2) de 1927 em homenagem à Kossuth e aos membros do governo da Revolução Húngara (1848-1849) foi substituído, em 1952, por uma versão em cobre em que os líderes intelectuais da Revolução deram lugar aos trabalhadores e soldados que melhor representavam os ideais stalinista do chefe de Estado Mátyás Rákosi. Em 2015, o governo Orbán novamente substituiu a imagem, retornando ao local uma réplica da versão do entre guerras.

O monumento em honra ao Conde Gyula Andrassy de 1906 (#03 Figuras 1) foi removido em 1945 pelos soviéticos. Entre os locais, conta-se que os russos derreteram a estátua e o metal foi utilizado para construir o monumento de Stálin erguido na Praça da Cidade em 1951. Na revolução de 1956, tal monumento foi destruído por centenas de rebeldes antissoviéticos durante os protestos, restando apenas as suas botas, atualmente expostas no Parque Memento, na periferia de Budapeste. Em 2016, com o objetivo de restabelecer os monumentos retirados pelos comunistas, o governo Orbán reinstalou uma réplica da versão do monumento de 1906 na Praça Kossuth.

Não encontrei provas documentais que comprovem o que foi feito com o metal da primeira estátua de Andrassy, mas este caso nos mostra que a memória é construída socialmente e transmitida como uma representação e não uma reconstituição da realidade (POLLAK, 1992, p. 08) e que há uma *memória subterrânea*, que vai de boca em boca, e que pode até ser subversiva e conflitar com a *memória oficial* (POLLAK, 1989, p. 04). Embora não seja possível confirmar a veracidade de tais fatos apenas pelas narrativas, elas nos indicam que as transformações nos monumentos com as trocas de regimes políticos ou esforços posteriores de enquadramento da memória não passaram despercebidas e podem ter impactado os subjetivismos das fontes (POLLAK, 1992, p. 09). Pode ser que este seja apenas mais um mito criado para ressaltar as narrativas e memórias dos regimes autoritários do século XX, dentro do processo de *eclipse das utopias* enunciado por Traverso (2016, p. 05, 2020, p. 141–142), ou de projeção da memória (POLLAK, 1992, p.

03). A história oral e a memória são fenômenos complexos que não seguem a lógica positivista, mas nem por isso são menos importantes ou devem ser ignorados.

## 2.2. Tradição inventada e a monetização da memória

Diferentes de costumes e rituais comuns em sociedades tradicionais, a tradição inventada, enunciada no livro de Hobsbawm & Ranger (2012) reclama ser antiga e herdada quando na verdade é recente ou inventada. Segundo Hobsbawm (2012, p. 09), ela ocorre para: i. diferenciar e reforçar a coesão e pertencimento (e exclusão) de um determinado grupo, ii. estabelecer hierarquias, status e institucionalização ou, ainda, iii) socializar e cultivar as mesmas “crenças, sistema de valores e convenções de comportamento”. A primeira dessas intenções pode ser relacionada à ideia de nação interessam às discussões sobre memória coletiva e gostaria de apresentar dois casos da amostra de pesquisa que ilustram tradições inventadas em Lipótváros.

O primeiro é o cerimonial da guarda da Coroa Sagrada da Hungria por um destacamento especial da Defesa Nacional (#46, Figura 2). Uma das relíquias mais importantes da Hungria, em um ato considerado heroico, a coroa foi entregue aos soldados americanos para evitar que fosse saqueada pelos nazistas durante a ocupação alemã (1944-1945). De volta à Hungria em 1978, o regimento especial das forças armadas foi destacado para guardá-la apenas em 2011. A relíquia em si não interessa para este ensaio, mas sim o resgate de um cerimonial e o do orgulho da função da guarda da relíquia pelos soldados após 66 anos da sua interrupção<sup>2</sup>.

O segundo caso combina tradição inventada e os valores dos monumentos. Em 2016, a rede de confeitarias Szamos inaugurou uma filial de três andares na Praça Kossuth. A reconstrução do interior do imóvel reservou a modernização do primeiro e segundo andares, enquanto, no terceiro andar que abriga o Museu do Chocolate (#37 Figura 2), foi criado um ambiente inspirado nos cafés da década de 20. Nem mesmo a empresa havia sido fundada naquela década<sup>3</sup>, mas um visitante menos atento pode acreditar que o local

---

<sup>2</sup> <https://honvedelem.hu/galeriak/the-hungarian-defence-forces-guard-the-holy-crown-again.html> em 16/06/2021.

<sup>3</sup> Segundo o site oficial da marca, a empresa foi fundada em 1935 e seu primeiro café em Budapeste em sociedade com a empresa Austríaca Harderer, foi inaugurado nos anos 1990. (<http://www.csokolademuzeum.hu/english.html> em 10/06/2021)

tem seu valor histórico e de antiguidade justamente pela intenção de seus idealizadores em resgatar essa memória e tradição culinária em torno dos cafés já na concepção do projeto. Este exemplo pode ser ainda associado à outros fenômenos modernos, como a militância (TODOROV, 2008, p. 52–53) e a mercantilização da memória.

O dinheiro dos turistas que visitam Budapeste contribui para a economia da cidade e Lipótváros não decepciona aqueles que cultuam a memória, materialmente presentes naquele espaço e que são eternizados nas subjetividades e memórias levadas por seus visitantes em suas lembranças, souvenirs ou fotos, como as do ritual dos guardas que ornamentam o parlamento. Essa *reificação do passado* possibilita o turismo ou a espetacularização da memória (TRAVERSO, 2020, p. 21) e conseguinte “monetização” do passado.

### 2.3. Complexidades da memória

Até aqui, a memória foi representada por monumentos, espaços, tradições, símbolos, rituais ou cerimoniais, mas é possível analisá-la pela perspectiva da memória do sujeito, individual ou coletivo, e que está relacionada à história oral mencionada no item 2.1.

A memória pode ser constituída por vivências da própria pessoa (ou grupo) ou eventos “vividos por tabela”, a ponto de confundir se o indivíduo foi ou não parte do acontecimento (POLLAK, 1992, p. 03). É possível, ainda, que haja projeção ou identificação com um passado, sobre eventos que aconteceram em outro espaço e tempo, mas que os transcendem graças à socialização histórica e política.

O contra-monumento “Living Memorial” (#25, Figura 2), mencionado anteriormente, tornou-se um movimento nacional que “organiza conversas públicas nas ruas para abertamente discutir os traumas nacionais entre qualquer um que aceite as regras do debate democrático”<sup>4</sup>, além das suas manifestações materiais na Praça da Liberdade, em Budapeste. Isso porque as memórias e os traumas do fascismo e nazismo não afetam apenas a comunidade judia ou aqueles que viveram naquele tempo e espaço, mas muitos outros.

---

<sup>4</sup> <https://www.sozialmarie.org/hu/projects/7219> em 16/06/2021.

Os Sapatos no Danúbio (#07 Figura 2) é outro monumento que apela para essa projeção subjetiva da memória anunciada. Muitos visitantes não são húngaros e nem conheceram os donos daqueles sapatos ou as suas histórias de vida, mas conseguem experienciar uma memória de um outro tempo e lugar que definitivamente não é o seu. O elemento artístico de monumentos como este ou como as marcas de bala da Revolução de 1956 (#10, Figura 24) criam representações que geram no público sentimentos de empatia, rememoração, catar-se ou até mesmo de uma “quase-experiência”.

As coroas de flores e as velas acesas em frente à Chama Eterna em Memória de Lajos Batthyány (# 21 Figura 2) são um exemplo da transmissão das memórias no tempo. Batthyány foi o líder da reforma e da revolução que proclamou o Estado Húngaro livre dos Habsburgos no século XIX. Embora nenhuma testemunha ou contemporâneo do evento esteja vivo, ainda há pessoas que regularmente prestam tributos ao líder no local da sua execução em 1849.

Pollak também negou a ideia da memória duradoura, continua e estável (POLLAK, 1989, p. 03). O contra-monumento *Living Memorial* é uma referência também para este tema pois é uma reação da memória subterrânea à imposição de uma narrativa institucionalizada por um monumento intencional para a legitimação de uma memória oficial que atendia os interesses políticos do governo atual. András Rényi, um dos fundadores do *Living Memorial*, relata como seu o ativismo criou um significado “não intencional” e subversivo que deslegitimou o enquadramento da memória pretendido pelo monumento às Vítimas da Invasão Alemã:

“Here is the memorial, yet it is not here. It is an ugly and empty symbol. A dead sculpture, opposite to its alternative, the anti-memorial, which is a living memorial because there are people keeping it alive by their interest, compassion and anger.”<sup>5</sup>

O monumento abriu a “caixa de Pandora” para que memórias subterrâneas, sentimentos e traumas aflorassem e encontrassem um espaço para se materializarem e um debate público que os libertassem do silêncio (POLLAK, 1989, p. 05, 12). O *Living*

---

<sup>5</sup> <https://hungarianfreepress.com/2016/08/14/from-memory-to-presence-hungarys-living-memorial/> em 18/06/2021.

*Memorial* expôs que o fascismo já existia entre os húngaros e o horror não pode ser atribuído apenas à invasão alemã. Possivelmente, esse era um tipo de ferida profunda e dolorida (KOVÁCS, 2016) que vinha sendo tratada no âmbito doméstico, clandestino, mas não na esfera pública e coletiva, enquanto nação (POLLAK, 1989, p. 08–09).

Na disputa entre memórias, as mais fortes se sobressaem por convencimento, adesão ou popularidade, e se tornam parte da memória coletiva (HALBWACHS, 1990). As memórias individuais têm pontos de contato entre indivíduos, o que gera uma cumplicidade, coesão ou um sentimento de pertencimento à um mesmo grupo (POLLAK, 1989, p. 09).

“The question of identification is never the affirmation of a pre-given identity, never a self-fulfilling prophecy – it is always the production of an image of identity and the transformation of the subject in assuming that image” (BHABHA, 1994, p. 64).

Se essa *imagem construída* for a memória coletiva e se considerarmos que a identidade vem pela negação do outro (*otherness*), aparentemente a memória coletiva contribui para a definição dessas fronteiras sociais entre o *eu* e o *outro* (POLLAK, 1989, p. 09) que são materialmente legitimadas por fronteiras territoriais e, subjetivamente, pela ideia de nação. Por conseguinte, a memória coletiva não é eventual, espontânea ou ingênua.

A todo o momento o indivíduo está ativa ou passivamente legitimando suas identidades e memórias coletivas (POLLAK, 1989, p. 10). O aparato institucional, que independe do sujeito, garante esse *enquadramento da memória* (ROUSSO, 1985, p. 73 *apud* Pollak 1989, p. 09) sendo a ação política o seu principal agente (BOURDIER, 1981, p. 03 *apud* Pollak, 1989, p. 09). Porém, há um longo caminho de maturação, filtro, reinterpretação ou transformação desses artefatos a partir das “sensibilidades culturais, interrogações éticas e as conveniências políticas do presente” (TRAVERSO, 2020, p. 20) até que façam parte dessa memória coletiva.

Adicionalmente, é inegável que muitos dos documentos e registros preservados sobre o passado usualmente foram produzidos pelo Estado ou por quem detinha o poder ou os recursos<sup>6</sup> para fazê-lo, como a igreja, e nem sempre o acesso à tais informações era

---

<sup>6</sup> Dentre eles, a capacidade de ler e escrever, por exemplo.

ou é irrestrito. Muitos registos eram feitos no passado pela igreja, por exemplo. Em algum momento houve ou pode haver uma seleção do que é (ou não) registrado, como fazê-lo e quem pode acessá-lo, além da responsabilidade de tradução dos seus agentes (POLLAK, 1989; SANTOS, 2000).

Os monumentos intencionais são meios para o enquadramento da memória e para a seletividade entre o que (ou quem) se quer lembrar e, obviamente, se quer esquecer<sup>7</sup> ou silenciar (POLLAK, 1989, p. 10–11). Nesse contexto, o poder econômico e das licenças assumem papéis relevantes de seleção e acesso, já que, para planejar, patrocinar e construir monumentos ou coletar acervos e disponibilizá-los ao público, por exemplo, são necessárias curadorias, aprovações para intervenções urbanas e dinheiro para financiar tais projetos.

Sobre o poder de decisão e seletividade da memória, gostaria de mencionar outra intervenção em Lipótváros. O monumento erguido em 1996 em homenagem à Imre Nagy (#09 Figura 1), chefe de Estado e mártir da Revolução de 1956, foi substituído, em 2019, por uma réplica do monumento que ocupou aquele mesmo espaço entre 1934 e 1945 e que homenageava os Mártires Nacionais de 1918 e 1919. Tal decisão certamente teve que responder questões do tipo: i. qual mártir mereceria ser lembrado no século XXI? ii. qual evento deveria ser homenageado naquele local cheio de simbolismos, nas redondezas de onde aconteceu o massacre de 1956? iii. qual é a estética adequada para a este espaço público? Em detrimento da estátua do herói da Revolução de 1956, a decisão foi pelo resgate de um monumento em que um homem forte e nu luta corpo a corpo contra um monstro que parece ter saído de um conto da mitologia clássica. O estilo neoclássico escolhido não condiz com os arredores, mas, curiosamente, era também apreciado pelos nazistas, como representado no documentário “Arquitetura da Destruição” (COHEN, 1989).

#### 2.4. Eclipse das memórias e revisionismo histórico

É comum olharmos e interpretamos o passado com as nossas lentes individuais e coletivas do presente (SANTOS, 2000; TRAVERSO, 2020, p. 183), mas a história não é

---

<sup>7</sup> A seletividade da memória pelo indivíduo pode ser ainda um resultado voluntário ou involuntário do processo de assimilação de alguns eventos como trauma, perda, luto, vergonha, medo entre outros.

escrita na pedra ou estática (POLLAK, 1989, p. 09). Novos fatos, evidências, teorias e tecnologias podem mudar as interpretações sobre eventos antes tidos como certos. Por esse motivo, a dimensão política da memória na forma como escrevemos a história pode ser acrescentada à essa lista de interferências (TRAVERSO, 2020, p. 29).

O tempo pode tornar heróis em vilões e vice-versa. Quando isso acontece, significa que a história está sendo “revista”, mas não necessariamente trata-se de um ato de “revisão” no sentido pejorativo da palavra. Não há dúvidas de que certas revisões podem servir à intenções políticas dessas revisões e outros fins questionáveis, porém Traverso (2020, p. 179–180) argumenta que criminalizar o revisionismo implicaria assumir que existe uma história oficial e incontestável ou ir contra a liberdade de expressão. Para o autor, as versões controversas devem ser combatidas com uma visão normativa da história.

O governo de Orbán é acusado de revisionismo histórico pelos seus discursos e pelas transformações e ressignificações dos espaços e monumentos urbanos<sup>8</sup>. Porém, este artigo não conseguirá tomar partido sobre este tema por uma questão de escopo e método. Considero que “revisionismo histórico” seja composto por atos e ideais negacionistas, falsas simetrias, tentativas de amenizar os impactos de certos eventos ou a humanização de tiranos e assassinos (TRAVERSO, 2020, p. 180–181). Assim, para construir uma conclusão sobre revisionismo, não bastaria analisar reconfiguração de Lipótváros pois teria que haver uma análise de vários outros elementos e atos do governo na última década. Como meu objeto é especificamente analisar os lugares e as intervenções urbanas na área selecionada, creio que restringir os esforços para as camadas e eclipse das memórias seja o caminho teórico mais apropriado para a capacidade da minha pesquisa. Mas que caminho é esse e como ele se relaciona com os atos da extrema direita em Lipótváros?

O eclipse das memórias foi a metáfora que Traverso (2016, p. 01–21, 2020, p. 138–140) usou para explicar como memórias funcionam como camadas em que algumas podem sombrear as outras, deixando-as menos evidentes, em um segundo plano. A eclipse ajuda

---

<sup>8</sup> <https://www.patriaindipendente.it/persona-e-luoghi/servizi/budapest-monumento-vivo-revisionismo/>, <https://www.politico.eu/article/viktor-orbans-revision-of-the-1956-revolution/> e <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2019/11/25/history-in-the-unmaking-historical-revisionism-in-viktor-orbans-hungary/> em 18/06/2021.



a reforçar a ideia de que a predominância de certas memórias sobre outras não é um fenômeno casual ou isento, como foi mencionado anteriormente.

As memórias do Holocausto, por exemplo, que se destacam sobretudo a partir da década de 80 passaram a ser cultuada como uma religião civil<sup>9</sup> (TRAVERSO, 2014, p. 315), com seus valores, crenças, símbolos e liturgias (TRAVERSO, 2020, p. 22). Monumentos e memoriais às vítimas podem ser encontrados nos mais diversos lugares do mundo<sup>10</sup>, fora da Europa e em Lipótváros, como o monumento dos Sapatos no Danúbio (#07 Figura 2). Enquanto isso, memórias de outras tragédias como os genocídios da Bosnia-Herzegovina (1992-1995), Cambodia (1975-1979), Argentina (1976-1983), Bangladesh (1971) ou Ruanda (1994)<sup>11</sup> não despertam tamanha comoção pública nem são dignos de tantos memoriais.

O dia 08 de maio de 1945, lembrado por muitos pelo fim do Terceiro Reich e libertação da Alemanha, em outros lugares carrega outros significados e memórias. Na Hungria, por exemplo, foi o início da ocupação Soviética e do regime stalinista que culminou na Revolução de 1956. Mesmo assim, na Praça da Liberdade em Lipótváros, ainda resiste o monumento que honra soviéticos como heróis por terem libertado o país da ocupação nazista (#15 Figura 2).

O mesmo evento pode ser contado sobre diferentes perspectivas (vencedores, vencidos, heróis, vítimas, mártires, testemunhas e assim por diante) e algumas memórias se tornam mais populares e evidentes que outras. As reformas, as trocas de monumentos e a inserção de novos sob a justificativa do governo de retornar a área como ela se parecia antes da ocupação germânica ou soviética parece querer tirar das vistas (ou colocar às sombras) eventos específicos e valorizar os que estejam em linha com os interesses de quem está tomando as decisões. Mudar a ordem dessas camadas, desestabilizar o *status quo* ou até mesmo criar um eclipse sobre algumas memórias e eventos podem favorecer os objetivos políticos dessa nova extrema-direita pós-fascista.

Para ser mais preciso, vou analisar um caso para tentar identificar quais foram as intenções desses novos monumentos, as memórias envolvidas, as narrativas oficiais que

---

<sup>9</sup> Enquanto a memória coletiva é a presença do passado no presente, a religião civil é a política da sua representação, educação e comemoração (TRAVERSO, 2016, p. 15).

<sup>10</sup> <https://www.science.co.il/jewish/Holocaust-museums.php> em 18/06/2021.

<sup>11</sup> <https://hnh.org/education/genocide-resources/> em 16/06/2021.

justificaram suas escolhas e o investimento realizado, além de observar algumas das repercussões e críticas recebidas. Mas antes, preciso apresentar o Governo de Viktor Orbán e o Programa Imre Steindl por ele patrocinado.

### 3. O governo de Viktor Orbán e o Programa Imre Steindl

Antes de prosseguir com o tema da memória, é importante falar sobre as narrativas e orientação política que sustentam o governo do líder (autoproclamado) “antissistema” Viktor Orbán.<sup>12</sup> Como o tema deste ensaio tem relação direta com conhecimento, gostaria de apontar brevemente como seu governo lida com a educação, ciência e a imprensa para então apresentar o Programa Imre Steindl que foi, propositalmente, citado sem muitos detalhes até aqui.

#### 3.1. Uma democracia iliberal representada por Deus, Pátria e Família

Segundo Gitahy *et ali* (2020, p. 02–04), a “democracia iliberal” do governo de Orbán possui viés conservador, religioso fundamentalista, nacionalista, anti-imigrantista, flerta com o autoritarismo e ameaça os direitos fundamentais. A maioria no parlamento e o discurso otimista legitimado pelo chamado “milagre econômico” lhe possibilitou a aprovação de projetos autocráticos e autoritários. Em oposição ao *welfare state*, o governo húngaro defende o *workfare state* para enfrentar crises como a recessão econômica (2008), a imigração (2015) e a pandemia (2020). O grupo formado com seus vizinhos, chamado de Liga de Visegrád<sup>13</sup>, e a sua aproximação ideológica a outros estadistas polêmicos como Trump, Putin, Erdogan e Xi Jinping fomentaram ainda mais críticas, sobretudo na Europa.

Assim como outros governos de extrema-direita, Orbán defende que os seus inimigos são também inimigos da nação. Seus adversários políticos, a imprensa, os não-cristãos, os refugiados, a comunidade acadêmica e científica, as ONGs, os comunistas, a União Europeia e as multinacionais são continuamente atacados em seus discursos oficiais e alvos de perseguição pelo governo. Publicamente, no entanto, sua obsessão pelo

---

<sup>12</sup><https://kafkadesk.org/2020/10/21/what-to-expect-when-youre-expecting-authoritarianism-a-hungarian-perspective/> em 21/06/2021.

<sup>13</sup> Hungria, República Checa, Eslováquia e Polônia.

filantropo milionário George Soros e pela comunidade LGBTQI+ tem causado muita polêmica (GITAHY; VILLEN; ARES, 2020, p. 02–04).

No campo da educação, Gitahy *et ali* (2020, p. 02–04) descreve como as pautas do governo estão fundamentadas no combate à doutrinação esquerdista e à ideologia de gênero e a defesa do *Homo Christianus* húngaro. Seus atos incluem a perseguição à professores, cortes no orçamento, substituição de quadros técnicos por aliados, revisão de currículos escolares, defesa de pesquisas alinhadas aos interesses do contribuinte e do mercado em detrimento das humanidades, monitoramento de material didático e até mesmo escolas segregadas para alguns grupos étnicos, como o povo roma.

Em 2020, o governo centralizou em si todos os poderes por um período específico e aproveitou para perseguir aqueles que criticavam seu governo. A crescente xenofobia e os ataques à liberdade de expressão são denunciados pela imprensa internacional ou por meios alternativos, pois a imprensa nacional majoritariamente é controlada por aliados políticos do governo autoritário (GITAHY; VILLEN; ARES, 2020, p. 02–04).

Por fim, Gitahy *et ali* (2020, p. 02–04) observam que a tríade *Deus, Pátria e Família*, assim como em outros governos de extrema-direita, está presente no governo Orbán pelos seus pilares i) *conservador* com fundamentalismo religioso caucasiano-cristão, xenofóbico (sobretudo islamofóbico), misógeno e homofóbico, ii) *nacionalista*, em de defesa da identidade nacional contra as influências de refugiados, *globalismo* e multinacionais, e iii) *autoritário* que retira direitos políticos, civis e fundamentais de certos grupos.

### 3.2. O Programa Imre Steindl

Em 2011, foi aprovado o Programa Imre Steindl que mudaria a paisagem urbana da Praça Kossuth e arredores do parlamento. Para gerenciar o projeto e o investimento na reabilitação que inclui edifícios, monumentos e espaços públicos, foi criada uma empresa limitada e sem fins lucrativos<sup>14</sup>. Em 2012, com a inauguração das primeiras obras, outros elementos foram acrescentados ao projeto avançou em prazo, alcance e investimentos.

---

<sup>14</sup> <http://hazai.kozep.bme.hu/en/kossuth-ter-rekonstrukcio-latogatokozpont-budapest/>  
<https://www.sipzrt.hu/> em 18/09/2021.

Ainda em curso, o programa está envolvido por controvérsias e polêmicas sobretudo pela profundidade das intervenções. A Associação de Pesquisadores de Edificações Antigas, da Sociedade Húngara da Arqueologia e História da Arte, do Comitê de História da Arte da Academia Húngara de Ciências e outros ativistas da sociedade civil têm demonstrado resistência e preocupação com partes do projeto sobretudo por ser uma decisão unilateral, sem a participação da sociedade e exigir uma avaliação da sua extensão e impactos sobre os edifícios.<sup>15</sup> Outra crítica bastante comum está relacionada a suas motivações de alterar as camadas de memória e criar eclipses que discutirei na seção seguinte.

#### 4. Tratado do Trianon, Revolução de 1956 e as camadas da memória

Em 2020, durante a pandemia, foi inaugurado o monumento da Solidariedade ou da Coesão Nacional (#12 Figura 2) em comemoração ao centenário do tratado do Trianon (Versalhes, França, 1920), que reduziu o território e a população da Hungria conforme mencionado anteriormente, e rememorar publicamente o trauma coletivo das perdas entre guerras mundiais<sup>16</sup>, quando a “Grande Hungria” foi fatiada (KOVÁCS, 2016). O resgate dessa memória causa apreensão por ter sido um (res)sentimento exacerbado pelo governo de Miklos Horthy (1920-1944) e associado à sua aproximação com o fascismo e nazismo para tentar reaver os territórios.

Na última década, Orbán trouxe à tona as memórias e tensões com os países vizinhos sobre os efeitos do Trianon (KOVÁCS, 2016, p. 523) e inclusive favoreceu a cidadania húngara para descendentes “desterrados” pelo tratado, com o conseqüentemente aumentou da população húngara e eleitores fora do território nacional.<sup>17</sup>

Outro evento simbólico foi o polêmico restauro e reinauguração, em 2013, do busto de Miklos Horthy na entrada da Igreja do Retorno à Casa (#17 Figura 2), a alguns metros

---

<sup>15</sup> <https://24.hu/kultura/2021/03/24/agrarminiszterium-kossuth-lajos-ter-felujitas-bontas-muemlek/>, <https://www.octogon.hu/epiteszet/agrarminiszterium/> e <https://wlovebudapest.com/cikk/2021/4/7/latnivalok-es-kultura-igy-fest-majd-az-agrarminiszterium-epulete-a-felujitas-utan-mutatjuk-a-latvanyterveket> em 18/06/2021.

<sup>16</sup> <https://www.bbc.com/news/world-europe-52903721> e <https://kafkadesk.org/2020/11/23/opinion-a-neighbours-perspective-on-the-monument-of-national-solidarity-in-budapest/> em 18/06/2021.

<sup>17</sup> <https://twitter.com/zoltanspox/status/1364890774148706304?s=20>, <https://www.reuters.com/article/us-ukraine-crisis-hungary-autonomy-idUSBREA4G04520140517> e <https://www.euronews.com/2015/01/28/whats-the-link-between-world-war-1-and-hungarys-675000-new-citizens> em 18/06/2021.

de outro monumento controverso: às Vítimas da Ocupação Alemã (#16 Figura 2). Essa igreja protestante foi fundada pela comunidade dos que permaneceram e dos combatentes que retornaram à Hungria após o Tratado de Trianon e, em 1940, seu templo foi construído em honra aos que foram para as batalhas entre 1938 e 1940<sup>18</sup>.

O monumento da Solidariedade ou da Coesão Nacional (#12 Figura 2), às Vítimas da Ocupação Alemã (#16 Figura 2) e o busto de Miklos Horthy (#17 Figura 2) reforçam entre si a narrativa de que os húngaros foram vítimas das duas Guerras Mundiais<sup>1920</sup>, pelo Trianon e pela invasão alemã. Em conjunto com os esforços de retornar a estética da Praça Kossuth e arredores para o período pré-comunismo, essas mudanças pretendem ressignificar o período de Horthy (1920-1944) como algo a ser resgatado, por ser o período em que o povo húngaro tentou reagir, se reerguer da derrota e traumas anteriores e emergir como nação livre.

Enquanto o governo, literalmente, traz para a superfície da praça e às vistas dos transeuntes a estética e os símbolos da era pré-comunista, um outro evento nacional parece estar sendo propositadamente sombreado pelo eclipse do governo Horthy: a revolução de 1956. Tal tese pode ser comprovada por pelo menos outros três monumentos afetados pela reforma de Orbán:

- i. a chama da revolução de 1956 (#45 Figura 2), que ocupou a Praça Kossuth de 1996 até 2016, quando foi movida para outra margem do rio Danúbio (Buda).
- ii. o túmulo simbólico das vítimas de 1956 (#38 Figura 2), que ocupou a Praça Kossuth de 1991 até 2013, quando foi movido para uma sala em um museu subterrâneo construído em memória das vítimas de 1956 (#38 Figura 2).
- iii. o monumento de Imre Nagy (#09 Figura 2) movido para a Praça Mari Jászai para dar lugar ao monumento aos Mártires Nacionais, descrito na seção 2.3.

---

<sup>18</sup> <https://hazateres.hu/fooldal/> em 17/06/2021.

<sup>19</sup> <https://www.ft.com/content/c7032cb2-aca5-11e9-8030-530adfa879c2> em 21/06/2021.

<sup>20</sup> Zoltán Kovács, porta-voz do governo, em mensagens oficiais e em suas mídias sociais, usa narrativas em que o povo Húngaro foi vítima do Trianon e Comunismo (<https://twitter.com/zoltanspox/status/1364890774148706304?s=20>, <https://www.ft.com/content/c7032cb2-aca5-11e9-8030-530adfa879c2>, <https://www.newstatesman.com/world/europe/2020/06/how-viktor-orb-n-turned-treaty-trianon-dangerous-political-weapon> e <https://hungarytoday.hu/communism-had-no-heroes-only-victims-says-govt-spox-kovacs-on-memorial-day-of-forced-labourers/> em 21/06/2021) .

Além desses monumentos terem saído da vista dos que passam pela Praça Kossuth, o túmulo simbólico, em específico, teve seu acesso limitado pelo horário e regras de funcionamento do museu. Aquele que antes era um local de manifestações públicas, espontâneas e tributos com velas, bilhetes, coroas de flores e mensagens de protestos ao ar livre, foi “hermeticamente protegido” pelo processo de *gentrificação* de Orbán.

## 5. Considerações finais

O debate sobre as intervenções urbanas com objetivos políticos e estratégicos teve vasta contribuição de acadêmicos de diversas áreas do conhecimento, políticos, ativistas e sociedade civil ao longo dos anos. No entanto, o caso recente da extrema-direita na Hungria tornou-se objeto de interesse para este ensaio pela sua vultuosidade e pelas muitas críticas recebidas.

Ao longo do texto, pode-se observar que diferentes meios têm sido utilizados para resgatar uma estética, símbolos e ritos de um período específico (entre guerras mundiais), como se isso pudesse apagar as marcas (ou memórias) da era comunista e regressar, ainda que em suas praças e monumentos, a estética de um período em que a Hungria tentava se recompor como nação territorial no governo de Horthy. Porém, as interpretações do período entre guerras não são unânimes e tem sido contestadas pelas testemunhas, vítimas, registros da época e pela comunidade acadêmica (ERŐSS, 2016; KOVÁCS, 2016).

O favorecimento de certas narrativas e memórias em detrimento de outras<sup>21</sup> tem por objetivo sombreá-las e criar as condições favoráveis para que sejam esquecidas. Mas o resultado pode ser justamente o oposto. Rememorar alguns eventos do passado, como o tratado do Trianon ou a invasão alemã, tem funcionado como estopim para insurgir memórias subterrâneas e alguns traumas associados. Daí ter havido tantas críticas e protestos que motivaram, inclusive, monumentos (não intencionais) de ressignificação.

A não participação popular na escolha dessas memórias (ou esquecimentos) ou na decisão sobre alguns desses monumentos e edifícios de grande valor (histórico,

---

<sup>21</sup> Uma dessas estratégias é a transformações de heróis em vilões, como a difamação do grande herói nacional da revolução de 1956, Imre Nagy, ao associá-lo ao comunismo estalinista. (<https://888.hu/ketharmad/gyurcsany-beteges-cinizmussal-hamisitja-meg-56-tortenelmi-emleket-4073279/> em 24/06/2021).

antiguidade, arquitetônica, entre outros) também fortalece as objeções e suspeições sobre o autoritarismo e unilateralismo das iniciativas.

Ao “devolver” ao povo húngaro o que foi lhes foi tirado, o governo alimenta os medos e angústias relacionado à ameaça iminente da volta do comunismo stalinista, como se isso fosse possível. Orbán e seus aliados se colocam como vítimas dos ataques difamatórios que historicamente sofrem os bem-intencionados que defendem os valores de *Deus, Pátria e Família*. Essa estratégia está sintetizada no discurso de László Kövér, fundador e porta-voz do partido Fidesz de Orbán, durante a inauguração do monumento aos Mártires Nacionais que substituiu Imre Nagy na Praça Kossuth:

“In 1919, those who denied God, homeland and nation called your grandfathers bourgeois. After '56, your fathers were called retrogrades, and after 1990 all of us believers in the power of democracy were called hicks. And today we are nationalist, populist, anti-European, xenophobic, Islamophobic, homophobic, and who knows what else they call us just because we stick to our communities, our culture, our traditions. Don't have any doubts that if you allow them, they will come back and stamp your children, your grandchildren. The descendants of the Lenin boys are still standing in front of us today.” (VASS, 2019)

As transformações de Lipótváros aqui analisadas não seriam suficientes para generalizações ou conclusões sobre “revisão” histórica na Hungria. No entanto, também não podemos excluir a possibilidade de revisão sem que a investigação seja estendida e aprofundada sobre outros objetos. Para uma opinião mais assertiva, os atos políticos e outras manifestações, como a revisão do currículo escolar, as mudanças institucionais, a criação de novos museus, cerimoniais e datas comemorativas entre outros atos administrativos e políticos, precisariam ser analisados em conjunto e de forma interdisciplinar. No entanto, pelos resultados aqui apresentados, é possível afirmar que as obras em Lipótváros intencionalmente priorizam certos eventos históricos em detrimento de outros e reforçam os discursos que favorecem politicamente o governo da extrema-direita para a reformatação de uma memória coletiva ou social que legitima o autoritarismo frente à eminente ameaça de inimigos do povo húngaro. Assim, a batalha em Lipótváros não apenas continua, mas segue com toda força para apagar os vestígios do comunismo e clamar pelo retorno da “Grande Hungria.

## 6. Referências

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Vinicius de Castro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BECKER, H. S. **Telling About Society**. Chicago: University of Chicago Press, 2007.
- BHABHA, H. K. **The location of culture**. London; New York: Routledge, 1994.
- BÍRÓ-NAGY, A. Illiberal Democracy in Hungary: The Social Background and Practical Steps of Building an Illiberal State. Colección Monografías. n. 2017, p. 31–44, 1 jan. 2017.
- BOURDIER, P. La représentation politique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, n. 36/37, 1981.
- COHEN, P. **The Architecture of Doom** Sandrew Film & Teater AB, Stockholm, , 1989.
- ERŐSS, Á. “In memory of victims”: Monument and counter-monument in Liberty Square, Budapest. **Hungarian Geographical Bulletin**, v. 65, p. 237–254, 11 out. 2016.
- GITAHY, L. M. C.; VILLEN, G.; ARES, G. **Science, Politics, and the Pandemic**. . In: VI CONGRESSO DA ALA - ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE ANTROPOLOGIA SOCIAL. Montevideo (virtual): 23 nov. 2020. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/345499595\\_Ciencia\\_Politica\\_e\\_a\\_Pandemia](https://www.researchgate.net/publication/345499595_Ciencia_Politica_e_a_Pandemia)>
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução: Lauret Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda., 1990.
- HOBSBAWM, E. Introduction: inventing traditions. In: RANGER, T.; HOBSBAWM, E. (Eds.). . **The invention of tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 01–14.
- HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (EDS.). **The Invention of Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- KOVÁCS, É. Overcoming History through Trauma. The Hungarian Historikerstreit. **European Review**, v. 24, p. 523–534, 1 out. 2016.
- LIMA, E. F. W. Representação das cidades nas cenas. In: FORTUNA, C. et al. (Eds.). . **Cidade e espetáculo: a cena teatral luso-brasileira contemporânea**. São Paulo: EDUC-PUC, 2013. p. 43–62.
- MOLNÁR, M. **A concise history of Hungary**. Anna Magyar. Cambridge: Cambridge



- University Press, 2001.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 12, 1989.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 15, 1992.
- RIEGL, A. **O culto moderno dos monumentos e outros ensaios estéticos**. Tradução: João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70/Almedina, 2020.
- ROUSSO, H. Vichy, le grand fossé - Persée. **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, v. 5, n. Les guerres franco-françaises, p. 55–80, 1985.
- SANTOS, B. DE S. Para uma epistemologia da cegueira: por que razão é que as novas formas de ‘adequação cerimonial’ não regulam nem emancipam? In: **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. Porto: Afrontamento, 2000. v. I, p. 376.
- TODOROV, T. **Los Abusos De La Memoria**. Tradução: Miguel Salazar. Barcelona: Paídos Ibérica, 2008.
- TRAVERSO, E. **La historia como campo de batalla**. Buenos Aires: Fondo Cultura Economica, 2014.
- TRAVERSO, E. **Left-wing melancholia: Marxism, history, and memory**. New York: Columbia University Press, 2016.
- TRAVERSO, E. **The new faces of fascism: populism and the far right**. Tradução: David Broder. London, New York: Verso, 2019.
- TRAVERSO, E. **O passado: modos de usar**. Tradução: Tiago Avó. Lisboa: Tigre de Papel, 2020.
- VASS, Á. Reconstructed Monument of National Martyrs Inaugurated in Budapest - Hungary Today. **Hungary Today**, 4 nov. 2019.